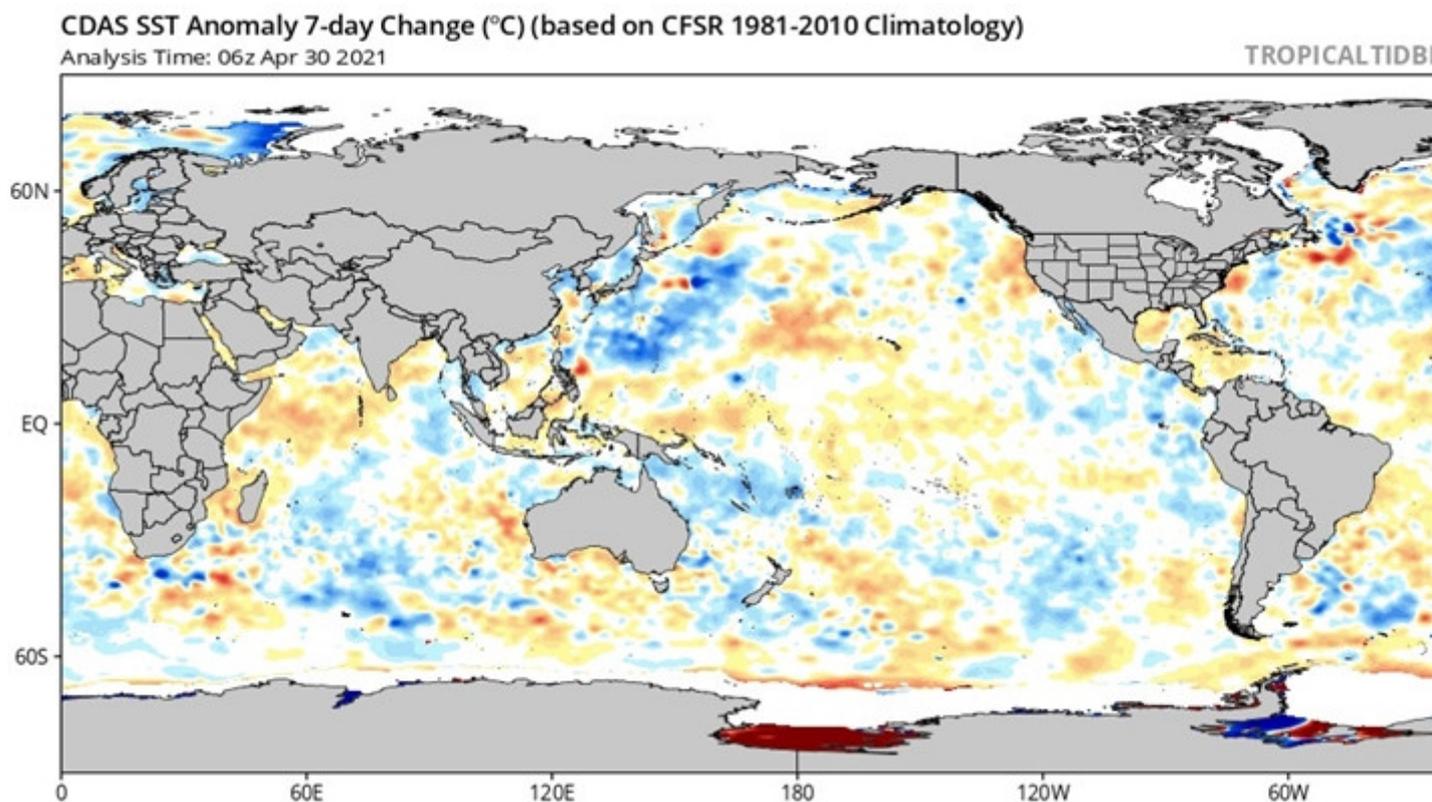


La Niña e estiagem em maio ameaçam segunda safra de milho

Por Letras Ambientais
sábado, 01 de maio de 2021



Mesmo com o La Niña mais fraco e prestes a desaparecer, o fenômeno continua causando impactos no clima, em todo o mundo. A principal consequência do La Niña é a seca, que **atinge grandes regiões produtoras de alimentos**. Esse padrão climático já deixou sua marca na Austrália, Indonésia, América do Norte e América do Sul, incluindo grande parte do Brasil.

Embora os efeitos do La Niña se apresentem de diferentes formas, a depender da região geográfica, **o fenômeno costuma causar estiagem, em alguns locais**, com escassez de água e baixa umidade do solo, enquanto em outros, provoca inundações, com excesso

de chuva.

Em razão dessas situações extremas, é comum que **o La Niña venha acompanhado de prejuízos ao setor agropecuário**, em diversos locais, encarecendo os preços dos alimentos.

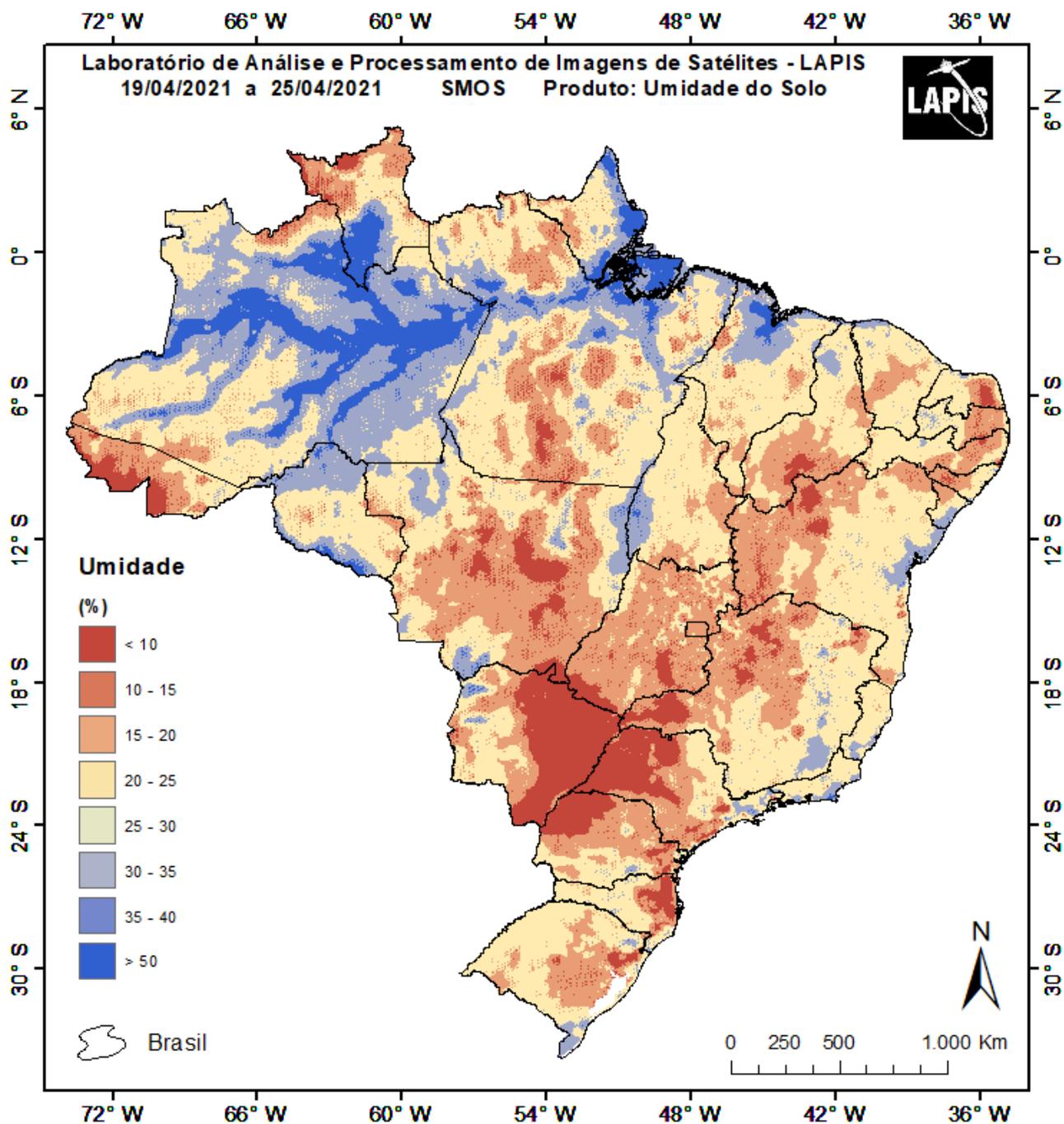
E desta vez, não foi diferente. Mesmo se tratando de **um La Niña com intensidade fraca, trouxe preocupações** ao mercado internacional de alimentos. Agricultores e varejistas de produtos agrícolas estão de olho na atual situação do La Niña e seus impactos, especialmente a estiagem.

O atual cenário climático também tem preocupado governos mundiais, entre os quais **crece o temor de inflação**, que agrava a situação de pandemia, em vários países.

A crescente demanda, na China, pelo consumo de mais alimentos, associada à queda da produtividade, decorrente dos impactos do La Niña, têm **resultado no aumento dos preços** dos alimentos, principalmente de grãos.

>> **Leia também:** [Radiografia atualizada da seca no Brasil, vista a partir de mapas](#)

Previsão de estiagem causa reviravolta no mercado de produtos agrícolas



No Brasil, nos últimos três meses, a maioria das **áreas agrícolas receberam apenas 60%, da quantidade normal de chuva**. E a estimativa de seca, nas principais regiões produtoras, neste mês de maio, já mostra repercussões negativas, no mercado internacional.

Os preços do milho mais que dobraram, no período de um ano. **A seca tem prejudicado a primeira, das duas safras anuais de milho**, no País, e agora já ameaça a segunda safra.

É por isso que **produtores rurais brasileiros continuam ansiosos por chuva**. De acordo com o meteorologista do Laboratório de Análise e Processamento de Imagens de Satélites ([Lapis](#)), a maior preocupação, nesse cenário climático, são as reverberações

da seca.

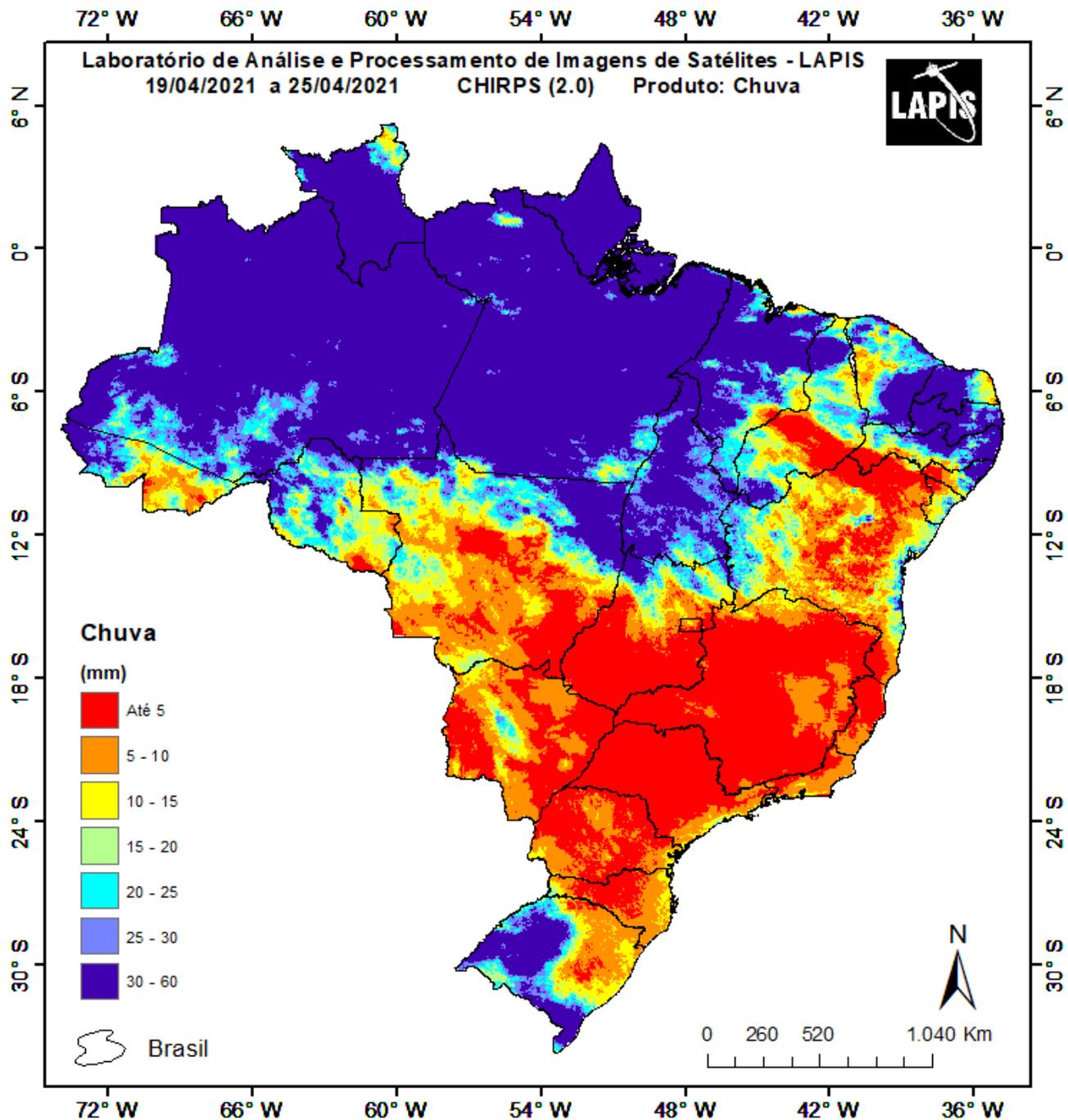
“Quando o solo está seco, predomina baixa umidade superficial, a energia do sol se concentra, no aquecimento do ar, em vez de evaporar a água. **Isso aumenta as temperaturas, o que diminui ainda mais a umidade do solo**, permitindo que a seca se torne ainda mais extensa”, explica Humberto Barbosa.

O Centro de Previsão do Clima, dos Estados Unidos, informou que **o La Niña vai desaparecer, a partir de junho**. Para a instituição norte-americana, há 46% de chance de o fenômeno retornar, no último trimestre de 2021, e 41% de probabilidade de o Pacífico permanecer neutro, durante o período.

Mas o diagnóstico não é unânime, entre os especialistas. Algumas agências, como o *Australian Bureau of Meteorology*, já **declararam que o La Niña acabou**, não estando mais presente no Pacífico.

>> **Leia também:** [A tecnologia para reduzir os impactos da seca agrícola](#)

Mapa destaca baixos volumes de chuva no Centro-Sul e em áreas do Nordeste



De acordo com a imagem de satélite atualizada, **na última semana, os volumes de precipitação continuaram baixos**, em algumas regiões do Brasil. A situação é mais grave no Centro-Sul, que inclui todo o Sudeste, Centro-Oeste e quase todo o Sul do Brasil.

O mapa também destaca predomínio de **seca intensa, no centro-sul do Nordeste**, na última semana. Na porção norte da região, houve melhoria significativa, nos volumes de chuva registrados.

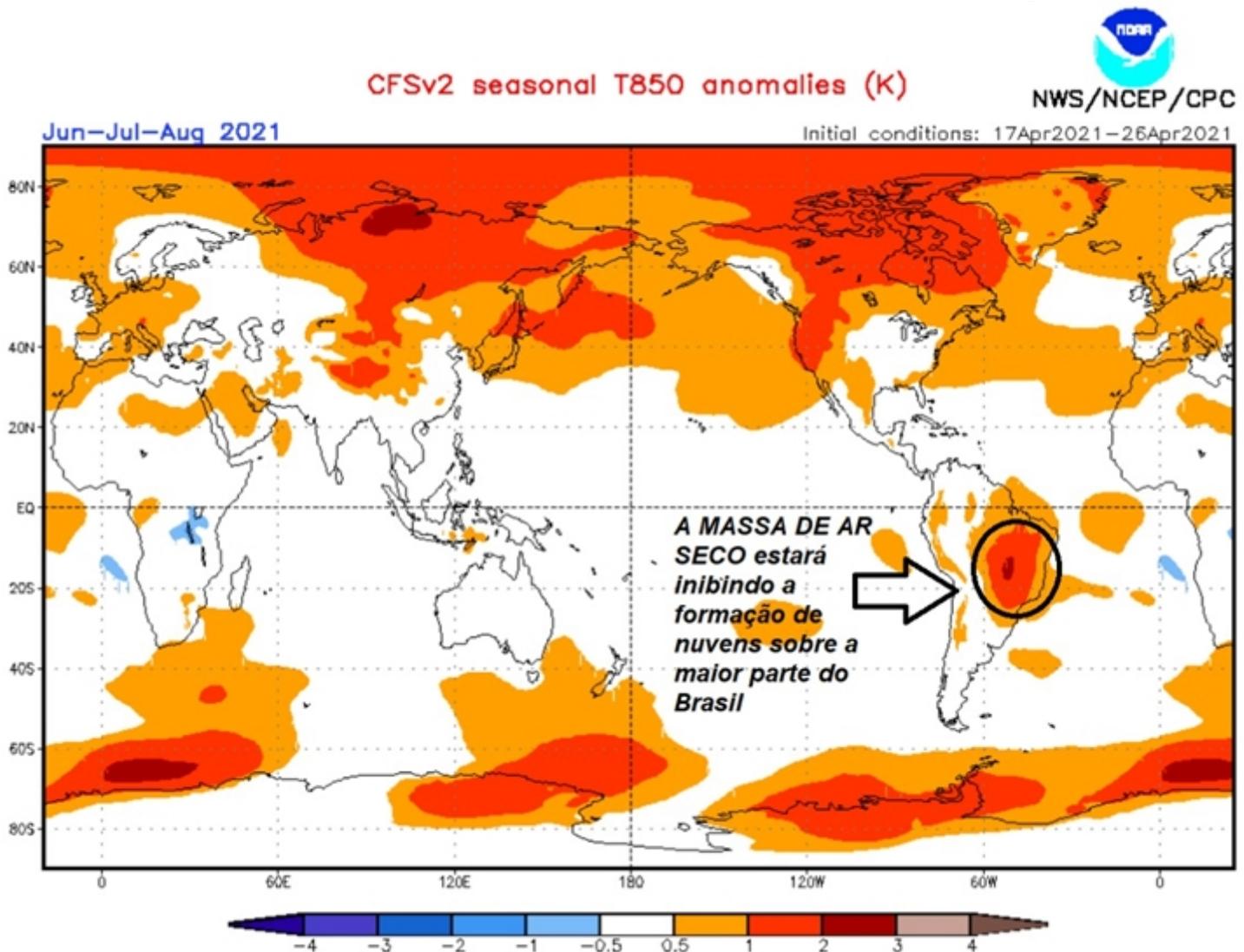
A imagem de satélite acima destaca informações valiosas sobre os volumes de chuva, na última semana, em todas as regiões brasileiras. A ferramenta foi elaborada pelo Laboratório Lapis, **com uso de dados de satélites, do programa Climate Hazards**

Group InfraRed Precipitation with Station data (CHIRPS). O software utilizado para elaboração do mapa foi o QGIS.

O CHIRPS permite o acesso a séries temporais gratuitas, de dados de satélites, **inclusive para as regiões mais remotas do mundo.** Nesses locais, a rede de estações pluviométricas costuma ser escassa ou até mesmo inexistente.

>> **Leia também:** [Atualização do La Niña e um método para monitorar secas agrícolas](#)

Abril seco aumenta tensão nas lavouras de café e cana-de-açúcar



O inverno só começa em junho de 2021. Embora ainda falte mais de um mês de primavera, **o Laboratório Lapis conferiu as tendências da previsão climática, para o início do inverno,** nas regiões brasileiras.

No Centro-Sul, tem início agora a temporada de estiagem, que deve ir até outubro. **O Sudeste e Sul enfrentam, atualmente, um bloqueio atmosférico,** em razão de uma forte massa de ar seco, sobre essas regiões, que dificulta o avanço de frentes frias e a

formação de nebulosidades.

O início da safra 2021/22 de cana-de-açúcar é prejudicado pela falta de chuvas, especialmente em áreas de São Paulo, Goiás e Minas Gerais. A seca no primeiro trimestre de 2021, num período que deveria ser mais chuvoso, atingiu fortemente o cinturão de café e cana-de-açúcar.

A negociação de açúcar e café, nas bolsas de valores, tem sido volátil, e **os preços podem reagir ao atraso das chuvas** de primavera, decisivas do potencial das colheitas de 2021/22, no Brasil.

A preocupação dos contratos futuros do açúcar e do café, negociados na bolsa de Nova York, é principalmente com os meses de agosto e setembro, em meio à **ansiedade sobre a previsão climática**, para o verão de 2021.

As áreas de cana-de-açúcar e café, do cinturão produtor do Sudeste brasileiro, deverão continuar secas, em sua maioria, nos próximos 10 dias. No trimestre de junho a agosto, estima-se que vão predominar temperaturas acima da média.

A tensão climática cresceu, em razão de, no mês de abril, ter predominado a estiagem. A situação colocou em alerta o Sul, o Nordeste, parte do Centro-Oeste e, principalmente, o Sudeste do País. Nesses locais, **as lavouras de cana-de-açúcar e café estão entre as mais prejudicadas pela seca**.

>> **Leia também:** [Os 15 fatos que você precisa saber sobre uso de NDVI na agricultura](#)

A corrida por capacitação em geoprocessamento para o setor de seguros agrícolas



É fato que **a estiagem tem se tornado mais frequente, intensa, longa e abrangente**, no Brasil, uma tendência que deve se agravar, em razão da mudança climática.

Este ano, por exemplo, há dois fatores que têm tirado o sono dos produtores rurais, de diferentes regiões brasileiras. São eles:

1º) SECA: a estiagem **atrasa o timing do plantio** e interfere no resultado das safras. De acordo com imagens de satélites atualizadas, as regiões onde a agropecuária é mais forte no Brasil, estão severamente atingidas pela estiagem;

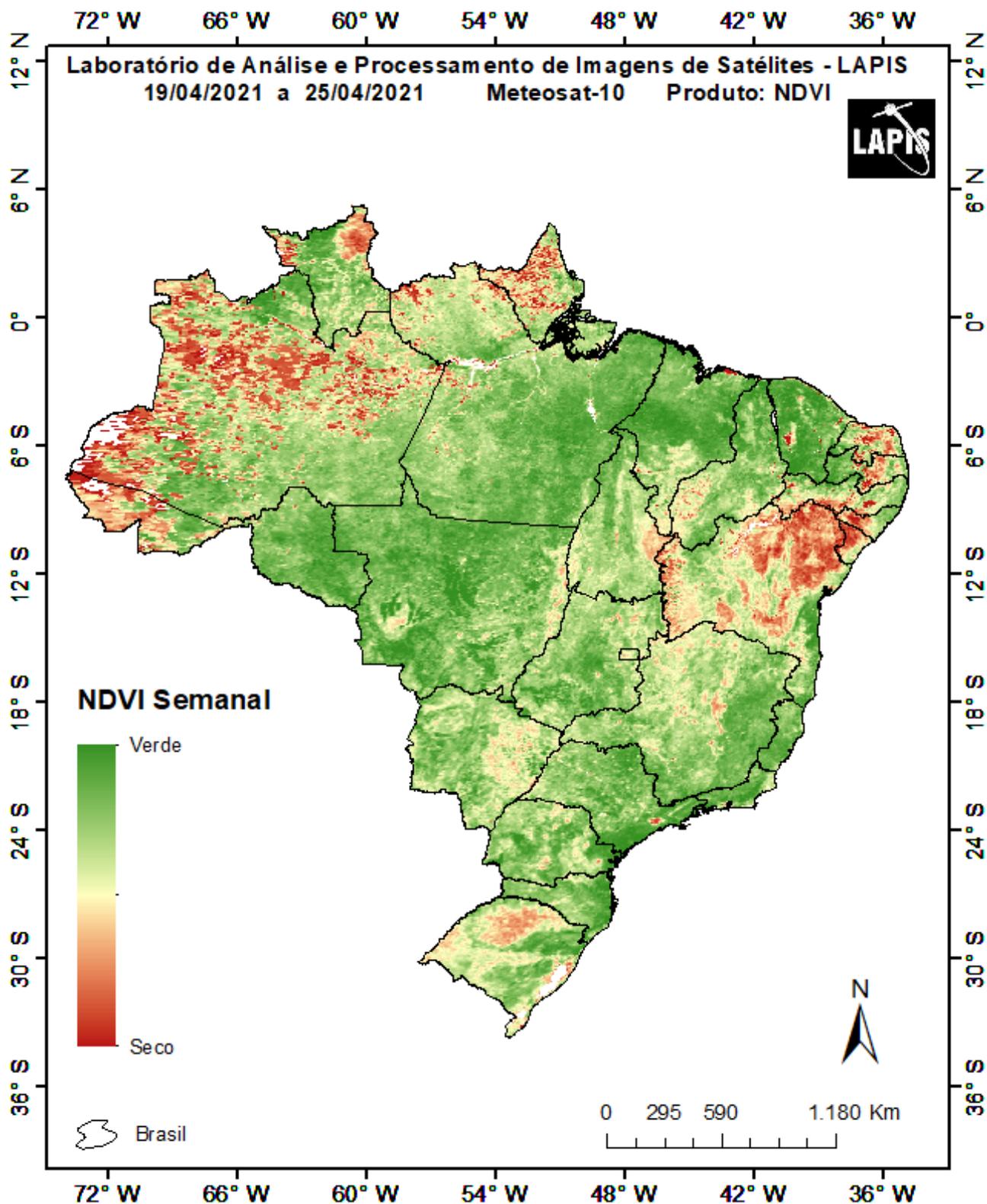
2º) INCÊNDIOS FLORESTAIS: a situação de seca tende a **potencializar ainda mais os temidos incêndios florestais**, em algumas regiões do Brasil. Com isso, há risco de as lavouras serem destruídas pelo fogo.

Diante do atual cenário de insegurança climática, **os seguros agrícolas despontam como alternativa para reduzir os riscos** dos produtores rurais, de prejuízos causados por eventos climáticos extremos ou mesmo por incêndios.

E claro, essa instabilidade **tem feito com que profissionais da agricultura sejam mais exigidos**. Os mais preparados têm sido muito requisitados para participar do processo de avaliação das lavouras, com uso de imagens de satélites retroativas e técnicas de geoprocessamento.

>> **Leia também:** [Os 3 mapas que todo profissional da agricultura deve utilizar](#)

Crescimento do setor de seguros agrícolas aumenta demanda por monitoramento



Um setor em expansão no Brasil é o de seguros agrícolas, que visa proteger o produtor rural, contra perdas nas lavouras, safras e plantações. O seguro agrícola é uma modalidade de seguro rural, que garante o plantio, contra prejuízos causados por eventos climáticos ou por incêndios.

O setor de seguros tem sido mais procurado pelos produtores rurais, **em função da imprevisibilidade de alguns fenômenos naturais**. É o caso de condições adversas do

clima, como granizo, geada, chuvas fortes e secas intensas, que costumam gerar prejuízos ao produtor rural.

Tanto os profissionais que atuam em seguradoras agrícolas como aqueles que **atuam no dia a dia do campo**, a exemplo dos agroconsultores, necessitam de ferramentas de monitoramento, para minimizar os riscos.

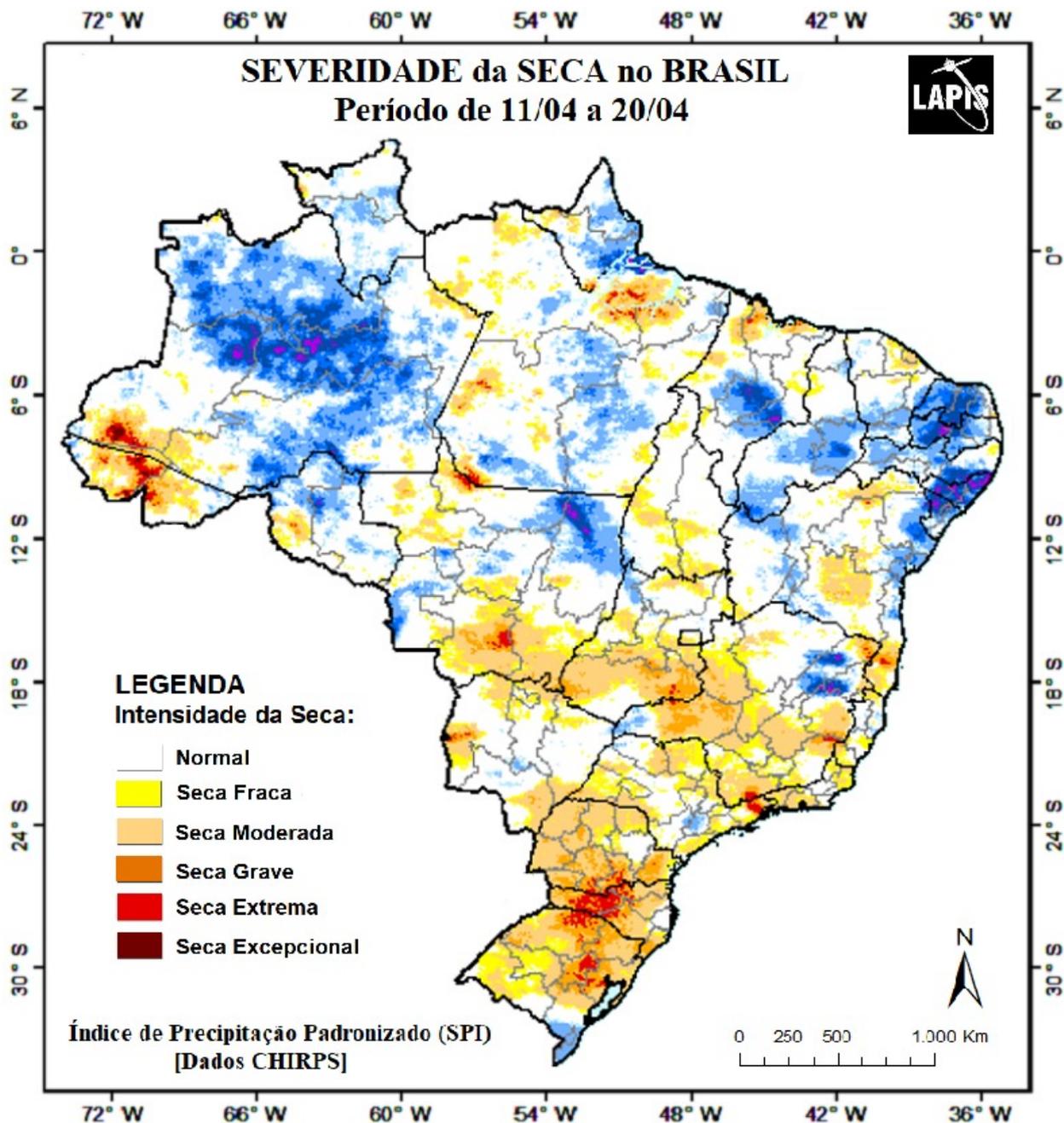
É o caso das técnicas de sensoriamento remoto, baseadas em dados de satélites, combinados em Sistemas de Informações Geográficas (SIG), como o **software QGIS**.

A elaboração de mapas, sobre variáveis agrometeorológicas, pode aumentar os rendimentos das fazendas, potencializar as estratégias de planejamento da produção e ainda evitar perdas nas safras.

É o caso, por exemplo, do **mapa da cobertura vegetal, que permite um incrível “Raio-X”**, da situação de estresse hídrico nas lavouras, acessível, literalmente, na palma da mão do profissional da agricultura. Com o aumento da produtividade agrícola, é possível garantir uma agricultura mais rentável e sustentável para o Planeta.

>> **Leia também:** [Os 9 passos para se estimar a produtividade agrícola por satélites](#)

Por que utilizar índice SPI para monitorar a seca?



Um dos temas que mais temos discutido aqui é **como a seca se tornou um desafio comum, às várias regiões brasileiras**, não apenas para quem vive no Semiárido brasileiro.

O mapa acima mostra a situação de grave estiagem, no Centro-Sul do Brasil, sobretudo em alguns estados do Sul. Daí a **necessidade de que profissionais da agricultura utilizem indicadores agrometeorológicos**, baseados em dados de satélites, para monitorar a seca e acompanhar a produção agrícola.

Uma dessas ferramentas, que pode ser elaborada, **pelos próprios profissionais do setor agrícola**, é o mapa do Índice Padronizado de Precipitação (SPI). É um dos mais

importantes indicadores, utilizados para monitoramento de seca.

O mapa acima é do SPI, referente às últimas semanas de abril, e **destaca o Centro-Sul, como a região mais afetada pela seca**, no Brasil. No mês de abril, o Sul foi a região do País com maior percentual de área com seca grave e seca extrema.

Santa Catarina, por exemplo, foi o **estado com maior percentual de área com seca extrema**. Essas informações são possíveis, graças ao monitoramento da seca, baseado no índice SPI.

Talvez você esteja curioso sobre **como é possível estimar o índice SPI, a partir de dados de satélite**. A principal característica do SPI é a possibilidade de utilização de monitoramento, tanto de condições secas como úmidas, em diversos períodos. Essa flexibilidade temporal possibilita utilizar o SPI para várias aplicações.

O Laboratório Lapis **utiliza dados de precipitação, provenientes do satélite CHIRPS**, em ponto de grade, acumulados diariamente, para calcular o SPI.

>> **Leia também:** [A oportunidade que muitos profissionais do agro estão perdendo](#)

Mais informações

No livro “Um século de secas”, foram analisadas, **a partir de séries históricas de SPI, a história de mais de 100 anos de secas**, incluindo as políticas de adaptação adotadas no período. Para conhecer o Livro, clique [neste link](#).

Para aprofundar o conteúdo deste post, conheça o e-book [Sistema EUMETCast](#), que **trata da recepção e aplicação de dados de satélites à agricultura**.

Compartilhe conosco, você utiliza imagens de satélites para monitoramento agrícola? Como tem sido a experiência?

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LETRAS AMBIENTAIS. [Título do artigo]. ISSN 2674-760X. Acessado em: [Data do acesso]. Disponível em: [Link do artigo].





Quem somos

O Letras Ambientais é uma instituição privada, sem fins lucrativos. Seu objetivo é a defesa, preservação e conservação do meio ambiente.

Endereço para correspondência: Av. José Sampaio Luz, 1046, Sala 101 – Ponta Verde. Maceió (AL). CEP: 57035-260.

Fone: (82) 3023-3660 **E-mail:** contato@letrasambientais.org.br

ISSN: 2674-760X

